

DIADORIM E A PROJEÇÃO DO FEMININO ATRAVÉS DA NATUREZA EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Maria do Socorro Pereira de Almeida

Doutoranda em Literatura e cultura pela UFPB; Mestre em Literatura e interculturalidade pela UEPB, Especialista em Literatura brasileira pela UFPE. Professora de Graduação e Pós-Graduação da Faculdade Sete de Setembro- FASETE
socorroliteratura@hotmail.com

RESUMO

Neste estudo analisa-se a obra *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, perscrutando as atitudes discursivas do narrador Riobaldo em relação a personagem Diadorim. Busca-se evidenciar no discurso factual do narrador em sua experiência vivida, aspectos que vislumbrem sua inquietação em virtude da paixão pelo amigo e, ao mesmo tempo, as paradoxais justificativas para esse sentimento, no intuito de defender sua masculinidade. Nesse contexto, é interessante perceber como Riobaldo projeta a imagem de Diadorim através da natureza, estabelecendo a relação entre a personagem e os elementos naturais para evidenciar a feminilidade e a beleza do amigo. Assim, ele tenta advogar em seu favor, uma vez que, ao se apaixonar pelo suposto jagunço, ele coloca sua virilidade sob suspeita.

Palavras-Chave: Diadorim. Feminino. Natureza.

ABSTRACT

This study analyzes the Guimarães Rosa's romance *Grande Sertão: veredas*, peering into the discourse of the narrator Riobaldo regarding the character Diadorim. It aims to highlight the discourse of the narrator elements that indicate his concern because of the passion by his friend and, at the same time, the paradoxical justification for this feeling, in order to defend his masculinity. In this context it is interesting to verify how Riobaldo projects the image of Diadorim through nature, establishing the relationship between Diadorim and natural elements to emphasize the femininity and beauty of his friend. Thus, he tries to advocate on his behalf, since falling in love for the alleged jagunço put his manhood under suspicion.

Key-Words: Diadorim. Female. Nature.

INTRODUÇÃO

A obra analisada traz uma narrativa em que tudo que o leitor toma conhecimento é através do narrador, da percepção dele, que é passada através de um discurso entrecortado, fragmentado, no qual ele vai relatando os fatos e, ao mesmo tempo, deixando seu ponto de vista perante as situações vividas. Dessa forma, Riobaldo é dono e senhor do seu discurso, é o protagonista do relato e também a testemunha das situações vividas por outros. Portanto, o leitor terá apenas o ponto de vista do narrador sobre tudo que acontece na narrativa e deverá se reportar sempre ao discurso dele, no intuito de perceber revelações subliminares nas possíveis pistas deixadas pelo protagonista roseano.

Seguindo esse raciocínio, é a percepção do narrador em relação a Diadorim que vai nos guiar na análise. Buscam-se, ao longo da pesquisa, argumentos que sustentem a assertiva de que o “amor impossível” e inaceitável do protagonista pela personagem encerra intenções não confessadas que são motivos de inquietações e angústias e ao mesmo tempo motivos das justificativas de Riobaldo para o seu sentimento, justificativas essas que são embasadas através da natureza.

Riobaldo busca na natureza, subsídios que sustentem suas fantasias amorosas em relação ao amigo como uma maneira de aliviar sua consciência, ante a condição duvidosa a que ele se auto-impõe, com relação ao seu comportamento sexual. Assim, é possível observar que o protagonista procura no leitor uma cumplicidade, como se qualquer um, e não só ele, pudesse nutrir pelo jagunço, aquele sentimento se o visse da forma como ele (Riobaldo) o vê. Para isso ele recorre à naturalização, pela associação imagética dos

elementos naturais e humanos estruturados conjuntamente e **projetados** na figura de Diadorim de modo que, aos poucos, vai sendo revelado, o verdadeiro significado que ele tem na vida do narrador.

Esse estudo tem um caráter ecocrítico, uma vez que analisa a representação da natureza através da literatura e observa a relação entre o homem e o espaço ambiente, como percebe o espaço e como se percebe dentro dele, também a associação entre o humano e os elementos naturais.

Esclarece-se que no decorrer da análise serão utilizadas duas edições da referida obra, uma de 1984 e outra de 2006, ambas da editora Nova Fronteira, a primeira impressa pelo Círculo do Livro. Ressalta-se que nas citações em que forem usados fragmentos da obra, a mesma será citada pela sigla GSV mais a data e a página da respectiva obra citada.

1 DIADORIM E O SERTÃO

Encontra-se no sertão de Guimarães Rosa, uma mulher valente, bonita e misteriosa que alimenta a imaginação do narrador, Riobaldo. Ele se sente provocado e, ao mesmo tempo, horrorizado por um sentimento “amoroso”, já que, para ele, esse sentimento coloca sob suspeita suas convicções morais e sexuais, por imaginar está alimentando predileção, ao estilo de uma paixão extremosa, por alguém do mesmo sexo. Esse narrador em conflito confessa e, ao mesmo tempo justifica seus sentimentos, pois “Ao apaixonar-se por essa mulher, sem duvidar de seu disfarce, Riobaldo torna-se uma presa de elucubrações sobre as ambigüidades entre a diferença e a semelhança”. (GALVÃO, 2006, p. 145)

Nesse contexto, é interessante perceber como a figura feminina vai sendo revelada até o momento que Riobaldo descobre que Diadorim é, de fato, uma mulher. Essa descoberta vem, de certa forma, justificar seu sentimento e, ao mesmo tempo, corroborar, em uma sociedade patriarcal, sua condição de macho que “farejou” uma fêmea mesmo por baixo da “carapaça” que lhe escondia a feminilidade.

Ao investigar o *Grande sertão: veredas* adentra-se um espaço considerado masculino, o sertão. Espaço que ainda alimenta o imaginário em vários sentidos, por ter sido, durante muito tempo, um lugar misterioso e “encantado”. Ainda hoje, depois do desbravamento dos sertões, se guardam histórias, casos e opiniões a respeito desse lugar. Nesse sentido, a personagem Diadorim corre os espaços sertanejos em companhia de jagunços, lutando em nome daquele que seria o senhor do sertão, o seu pai, Joca Ramiro. Primeiro para agradá-lo e suprir a falta que lhe fazia um filho varão; e depois, para honrar o nome dele, tomando para si a responsabilidade da vingança do pai que fora morto traiçoeiramente.

Diadorim só era chamado assim por Riobaldo, narrador protagonista e amado, silenciosamente por ele. Para o resto dos jagunços ele era Reinaldo. Diadorim é um tipo de personagem já velho conhecido da literatura, uma jovem travestida de homem para lutar em pé de igualdade com os homens, na guerra, tendo sempre um motivo maior para tal ação, como mostra Walnice Nogueira Galvão, ao observar que esse tipo de personagem permeia a história cultural, mítica e artística e agrada, tanto pelos motivos ou causas, quanto pela qualidade esfíngica que o personagem apresenta. Nesse contexto ela observa que:

Essa personagem frequenta as civilizações, as culturas, a história, a mitologia. Filha de pai, sem concurso de mãe, seu destino é assexuado, não pode ter amante nem filho. Interrompe a cadeia das gerações, como se fosse um desvio do tronco central e a natureza a abandonasse por inviabilidade. Sua potência vital é voltada para trás, para o pai; enquanto ela for só do pai, não tomará outro homem. Mulher maior de um lado, acima da determinação anatômica; menor, de outro, suspensa do acesso à maturidade, presa ao laço paterno, mutilada nos múltiplos papeis que a natureza e a sociedade lhe oferecem. (1998, p. 11-12)

Dessa forma, Diadorim se encontra com outras donzelas guerreiras como Atlanta, Artemis, Electra e Mulan que, em nome do pai, renunciaram a sua própria condição natural de feminilidade. No início Riobaldo encontra-se com um menino por quem se sente imediatamente atraído, esse menino em certo momento lhe diz: “Sou diferente de todo mundo. Meu pai disse ‘que eu careço de ser diferente, muito diferente’” (GSV, 2006, p. 109). Nesse momento se evidencia a condição de uma mulher que teve que ser homem, mesmo que isso representasse a negação de si mesmo ao renunciar a um grande amor.

Há nessa premissa, mesmo que indiretamente, remete a uma desterritorialização do “espaço” feminino (condição de ser). Diadorim, para sobreviver no “mundo” dos machos sem sofrer danos, ainda que com limitações físicas, deveria ser um deles. Daí porque dizer-se que o “espaço feminino”, foi subtraído, esvaecido pela dominância do espaço masculino.

Por outro lado, o pai lhe impõe, desde a infância, a condição de homem com a justificativa de tê-la sempre ao seu lado, sem que ela sofresse os assédios sexuais dos jagunços, mas fica, de forma subliminar, na atitude de Joca Ramiro, o desejo do filho varão, o que se confirma também pela omissão da paternidade, uma vez que, assumida a paternidade e, eventualmente descoberta a farsa, ele teria sua posição e o respeito já conquistado, comprometidos.

Já adultos, Riobaldo e Diadorim se reencontram, este se apresenta como Reinaldo, depois diz para Riobaldo que seu verdadeiro nome é Diadorim. Apesar de apenas Riobaldo conhecer o nome e chamá-lo assim, não conhecia a identidade sexual do jagunço. Assim, Riobaldo se sente atraído pelo amigo e entra em conflito, pois seus valores jamais permitirão a possibilidade dessa relação. O mistério do comportamento de Diadorim e os questionamentos que ele faz em algumas ocasiões intrigam o narrador que, não encontrando palavras para evidenciar a representação do amigo para ele, o metaforiza: “Diadorim é minha neblina”.

Vê-se aí que a natureza é reivindicada para dar, ao leitor, a possibilidade de entendimento da visão de Riobaldo sobre Diadorim. A visão nebulosa que não permite ver além, que limita o olhar humano a certa distância, como uma cortina blumática é a mesma dificuldade que Riobaldo sente ao analisar a pessoa por quem se sente atraído, de ver como ele realmente era e então oferece traços e características, a ele, como quem procura, no leitor, uma cumplicidade na análise:

Diadorim caminha correto, com aquele passo curto, que o dele era e que, a brio pelejava por espertar. [...] aí mesmo assim, escasso no sorrir, ele não me negava estima, nem o valor dos seus olhos. **Às vezes eu tinha a cisma que, só de calçar o pé em terra, alguma coisa nele doesse.** [...] Tanto que me vinha a vontade, se pudesse, nessa caminhada, **eu carregava Diadorim, livre de tudo nas minhas costas.** (GSV, 1984, p. 285) (Grifo nosso)

Percebem-se aspectos de uma fragilidade que não é condizente com o masculino e uma leveza, aparente, no corpo do personagem, que remete ao feminino. É importante perceber que Riobaldo é narrador protagonista e, já maduro, narra sua história de aventuras pelo sertão, para um interlocutor, ao qual não dá direito de fala, portanto toda percepção do leitor é observada a partir do olhar do narrador.

2 DIADORIM: O ENÍGMA E O ENCONTRO DE NATUREZAS

A projeção de Diadorim pelo narrador, através da natureza começa desde o primeiro encontro na travessia do Rio São Francisco, que simboliza um ritual de passagem na vida do narrador, revelado por ele quando diz “O rio Chico partiu minha vida em duas partes” (GSV, 1984, p. 237). Essa divisão da vida do narrador também se liga ao encontro com Diadorim, o antes e o depois de conhecê-lo. Assim, o rio passa a ser o símbolo do

amor de Riobaldo e em que ele projeta a imagem de Diadorim, relacionando-a as qualidades e peripécias do rio, deixando refletir através dele, os aspectos físicos, comportamentais e também o sentimento que surge entre os dois amigos: “Serenos, serenos, eu vi o rio. Via os olhos dele, produziam uma luz” (GSV, 2006, p. 106).

É como se a imensidão do rio se fizesse nos olhos do menino e ao mesmo tempo, a luz dos olhos transfigurasse a do sol nas águas. Veja-se que no momento que conhece Diadorim, Riobaldo diz ter perdido o prumo de sua vida e se deixou levar por ele assim como o rio que leva o barco na correnteza, é como se esse novo sentimento o arrastasse com a mesma força que a corrente do rio: “Aí o bambalango das águas, a avançada enorme roda-a-roda __o que até hoje, minha vida, avistei de maior foi aquele rio. Aquele, daquele dia.” (GSV, 2006, p. 106).

Vê-se que o medo não era do rio, mas do rio “daquele dia”. O narrador fala do rio e do menino ao mesmo tempo, levando-nos a relacioná-los. Riobaldo, mesmo com medo, entra na canoa e atravessa o rio e, apesar das incertezas e do medo de estar, supostamente, envolvido pelo menino, se deixa levar. Foi o menino que o levou para atravessar o rio, daí a relação do sentimento que o arrasta com as águas do rio: “Eu devo ter arregalado doidos olhos. Quietos, compostos, confrontados, o menino me via __Carece de ter coragem.__Ele me disse.” (GSV, 2006, p. 106).

A primeira menção de carinho do menino em relação a Riobaldo tem uma reação transposta pela metáfora da natureza: “Você também é animoso... __me disse. **Amanheci minha aurora.**” (GSV, 2006, p. 107). É como se naquele momento descortinasse o dia, ou seja, a vida dele ganha um novo sentido: “Eu não sentia nada, só uma transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome”. (P. 109).

Essa falta de nome remete à situação de não saber explicar o sentimento, por isso o uso dos elementos da natureza. Essa percepção de Riobaldo que ele não consegue expressar através de palavras é a percepção dele sobre Diadorim que vai se revelando aos poucos na maneira como se refere a ele em cada momento. Os elementos colocados na fala levam o leitor a relacionar a figura do jagunço à natureza:

Lembro que naquela manhã também o calor era menos, e o ar era bondoso. Aí eu à paz __com vontade de alegria __ como se estimasse recebendo um aviso. Demorei bom estado, sozinho, em beira d’água, escutei um fife dum pássaro: era Diadorim que chagando, ele já parava perto de mim. (GSV 1984, p. 182)

Percebe-se que a natureza avisa Riobaldo da iminente presença de Diadorim, todos os elementos naturais constantes no fragmento discursivo estão em convergência como numa celebração de um acontecimento e a alegria de Riobaldo comunga com a da natureza como se essa, assim como ele, sentisse a saudade e a alegria motivada por Diadorim. Já em outros momentos Riobaldo se mostra envolto em um misto de revolta e prazer pelo sentimento em relação ao companheiro:

Diadorim me queria tanto bem que o ciúme dele por mim também se alteava. Depois de um rebate de contente, se atrapalhou em mim aquela outra vergonha, um estúrdio asco. [...] Diadorim pôs a mão em meu braço. Do que estremei, de dentro, mas repeli esses alvoroços de doçura. (GSV, 1984, p. 30)

Ao longo da narrativa o narrador parece ir justificando seus sentimentos e as justificativas são como um alívio para sua consciência, ele caracteriza o companheiro, dando-lhe aspectos que evidenciam a sua condição feminóide. Ele, na “certeza” de sua masculinidade, não precisava se mostrar, uma vez que, como observa Pierre Bourdieu (2010, p. 18) “A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos

que visem legitimá-la”. Portanto, Riobaldo não se justifica enquanto homem, mas justifica seu sentimento a partir da condição do outro.

O mistério de Diadorim é grande a ponto de o narrador tentar nos fazer entender de várias formas. Diadorim se apresenta primeiro como Reinaldo, depois diz se chamar Diadorim. Vê-se que há uma mudança no sentido linguístico dos vocábulos, como se um representasse, simbolicamente, a força, a luta, o masculino, enquanto que o outro vem, semanticamente carregado de fragilidade. Apesar de existir a letra “A” nos dois vocábulos, no primeiro ele é fechado pela letra “L” e finalizado pelo masculino “O”. Já no segundo o “A” abre-se para a “dor” e finaliza-se nasalizando, numa espécie de diminutivo que fomenta várias possibilidades de leituras.

Ainda nesse contexto, percebe-se que o nome **Rei**-naldo daria a Diadorim, a possibilidade de ação da masculinidade e o direito de substituição do pai que era “rei” do sertão. Porém, o nome verdadeiro foi ocultado, mesmo quando confessou para Riobaldo que se chamava Diadorim, pois seu nome de registro era Maria Deodorina. A respeito dessa assertiva, Clarissa Estés observa que: “O motivo pelo qual o nome verdadeiro é, muitas vezes, mantido em segredo está na proteção do seu dono, para que ele ou ela possa crescer e ocupar o potencial do nome e na proteção do próprio nome, de modo que ninguém avilte ou prejudique”. (1994, p. 156)

Observa-se, nesse caso, que os motivos de Diadorim eram duplos: o de proteção de sua pessoa e depois para fazer jus ao nome que lhe foi dado, ou seja, aprender a lutar, a ser destemido, como fica evidente na conversa deles ainda meninos na beira do rio:

“Carece de ter coragem”...__Ele me disse.[...] “Que é que a gente sente quando tem medo” ? __Ele indagou. Você nunca teve medo? __Foi o que me veio de dizer. Ele respondeu: “Costumo não”. ___ E, passado o tempo dum meu suspiro __”Meu pai me disse que não se deve de ter”.[...] Ainda ele terminou: “ Meu pai é o homem mais valente deste mundo”. (GSV, 2006, p. 106)

Ao observarmos a conduta de Diadorim, nos reportamos a Estés, por que ela observa que a mulher tem a natureza dual (mulher/loba). Esta dualidade é estruturada pela relatividade da condição do eu feminino, ora meiga atraente, encantadora, ora selvagem, raivosa, firme, pronta para luta. Representa também uma forma de sobrevivência ou de proteção, além de ser um efeito natural do eu feminino. Nesse contexto, ela infere:

Qualquer um que seja íntimo de uma mulher selvagem está, de fato, na presença de duas mulheres: um ser exterior e uma criatura interior, um que habita o mundo terreno e outro que vive num mundo não tão visível. O ser exterior vive à luz do dia e é observado com facilidade. [...] Já, a criatura, costuma chegar a superfície vindo de muito longe e, com frequência, aparece e desaparece rapidamente, embora sempre deixe uma sensação: algo de surpreendente, original e sagaz. (1994, p. 152)

Nessa perspectiva, Diadorim representa a fusão dos pólos opostos (masculino e feminino). É uma mulher que se traveste e age como homem e, vez por outra, evidencia seu lado selvagem e, às vezes, deixa-se revelar, ainda que subliminarmente, sua feminilidade através da visão e das palavras do narrador:

E ele me deu a mão. Daquela mão eu recebia certezas. Dos olhos. Os olhos que ele punha em mim, tão externos, quase tristes de grandeza. Deu alma em cara. Adivinhei o que nós dois queríamos __ Logo eu disse: **Diadorim, ... Diadorim!** __ **Com uma força de afeição.** Ele sério sorriu. E eu gostava dele, gostava, gostava. Aí tive o fervor de que ele carecesse de minha proteção toda a vida: eu terçando, garantindo, punindo por ele. (GSV, 2006, p. 156) (grifo nosso)

Era que ele gostava de mim com a alma; me entende? O Reinaldo. Diadorim, digo. Eh, **ele sabia ser homem terrível.** Suspa! O senhor viu onça: boca de lado e lado, raivável, pelos filhos? Viu rusgo de

touro no alto campo; cobra jararacussú emendando sete botes estalados; bando doido de queixadas se passantes, dando febre no mato? **E o senhor não viu o Reinaldo guerrear!** *O demônio na rua, no meio do redemunho.* (GSV, p. 158) (grifo nosso)

Observa-se que, em alguns momentos, Diadorim mostra sua capacidade de amar, de querer e aparece para Riobaldo com a fragilidade feminina. Ao mesmo tempo os olhos mostram uma tristeza que turva a leitura do narrador, mas deixa claro o que queria. Pelo tato também se deixa passar a delicadeza das mãos dele em relação às do narrador. Observa-se que no primeiro fragmento Riobaldo se refere a Diadorim, já no outro, ele lembra o nome, mas, ao falar da ação do amigo na luta, ele o trata por Reinaldo. Riobaldo não coloca Reinaldo como um homem terrível, mas como aquele que sabia ser um homem terrível, portanto, não dá a certeza de um ser que é, mas que está naquela condição temporariamente.

Observa-se, também, que a condição selvagem dada a Reinaldo na luta é relacionada à natureza, aos instintos animais, depois a própria condição milenar dada miticamente à mulher de anjo e demônio, o que fica expresso na frase final “O demônio na rua, no meio do redemunho”, remete ao diabo solto, ou saído de um corpo onde estava adormecido. Riobaldo repete essa frase quando vê Diadorim lutando com Hermógenes.

No bando, os jagunços, em sua maioria, utilizam armas de fogo. Diadorim é reconhecidamente observado pelo uso da faca. Simbolicamente, o uso desse objeto fálico representa aquilo que lhe falta (o pênis) e, ao mesmo tempo, é com esse objeto que ele se atira contra os inimigos, ou seja, o objeto lhe dá a força e o “poder” para que possa lutar de igual para igual com outro homem. Essa assertiva se apóia, entre outras ocorrências, no momento em que ele mata Hermógenes a facadas, mas também é morto por ele da mesma forma. Esse fato remete a simbologia da faca empunhada por um homem como uma penetração e, conseqüentemente, a “destruição” do feminino, uma vez que, depois que Hermógenes o mata, vem à tona a verdadeira identidade, a condição feminina de Diadorim.

Verifica-se também que a mulher sempre foi um dos principais motivos da temática literária e é considerada um ser de múltiplas faces, misterioso a ponto de não se deixar conhecer por inteiro. Nesse sentido, Riobaldo mostra o sertão na mesma condição da mulher. Diadorim é um enigma que Riobaldo não consegue decifrar assim como o mistério do sertão que também inquieta o narrador. Diadorim mostra uma dualidade e uma inconstância que incomoda o protagonista e ele apresenta essas características também quando apresenta o espaço-ambiente, evidenciando a relação entre a mulher e a natureza:

Os afetos. Doçura do olhar dele me transformou para os olhos de velhice da minha mãe. Então, eu vi as cores do mundo. [...] de manhã o rio alto, branco, de neblim; e o ouricuri retorce as palmas. Só um bom tocado de viola é que podia remir a vivez de tudo aquilo” (GSV, 2006, p. 148).

Riobaldo deixa evidente seu sentimento e reconhece isso quando se refere ao tocado da viola, é como se só a poesia fosse capaz de expressar o que tudo aquilo lhe causava. A profundidade do sertão que não se deixa ver completamente e a assimilação de Riobaldo das entranhas sertanejas como inferno, aonde ele vai junto com Diadorim, remetem ao questionamento do amor “maldito”, pecaminoso enquanto que o amor de Otacília (sua prometida) seria a “salvação”, pois ela surge como a mulher perfeita. Em Diadorim encontra-se a dualidade indefinível que incomoda o macho, como mostra Estés:

As forças masculinas podem incluir tipos de energia semelhantes à do Barba Azul ou ao do assassino de Mr. Fox e por esse motivo tentam demolir a estrutura dual das mulheres. Esse tipo de pretendente não consegue tolerar a dualidade e procura a perfeição, procura a verdadeira e única substância feminina imitável e inalterável encarnada na única mulher perfeita. (1994, p. 155)

Assim, percebe-se que Diadorim era o perigo, era algo não conhecido e, portanto, não dominado, já Otacília, prometida de Riobaldo, era a “verdade” única, evidente e a “salvação” de Riobaldo, ela representa a idealização da mulher pela sociedade, enquanto que Diadorim transgride esse ideal.

O *Grande sertão* é uma obra que permite várias visões analíticas. Clarissa Pinkola Estés é uma pesquisadora Jungniana e as simbologias mostradas por ela se relacionam com algumas situações ficcionais da obra analisada. A autora mostra o que existe de dual no masculino e no feminino (homem/cachorro e mulher/loba), evidenciando onde se separam e onde se encontram esses universos de forma arquetípica.

É importante observar que o feminino na voz masculina é apresentado conforme a visão do outro e, no imaginário masculino o feminino vai ser apresentado sempre por excessos como mostra Brandão (2006, p. 89):

O lugar do feminino pelo masculino tende a ser caracterizado pelo mais, pelo excesso, pela plenitude que nega a castração. Excesso de significantes. [...] Paradoxo sem solução, figura do enigmático que torna o feminino inviável, incompreensível, destinado ao irracional e ao mítico. Estranho feminino, estranheza do feminino, conhecido e desconhecido, lugar do amor e susto, do secreto recalcado, que circula no corpo do texto como um grande corpo feminino só desvendado em sua feminilidade na morte.

Na obra em questão, Diadorim é evidenciado conforme a percepção de Riobaldo e essa percepção sofre influência do seu sentimento amoroso misturado com o de culpa por achar que se trata de um homem. Esses conflitos do narrador inflamam ainda mais o discurso narrativo que se delonga em excessos: “Diadorim carecia do sangue de Hermógenes e do Ricardão, por via. Dois rios diferentes — era o que nós dois atravessávamos?” (GSV, 2006, p. 354) A sede de vingança de Diadorim, de certa forma, também incomodava o narrador e mais uma vez o rio, como elemento da natureza, é convocado para representar as diferenças de opiniões entre os parceiros.

É interessante observar que esse rio inconstante também se assemelha a Rio-baldo, tanto nas semelhanças das fases da vida, desde a morte de sua mãe, as mudanças na sua trajetória: primeiro a condição de órfão, depois de herdeiro rico, em seguida de fugitivo para ser professor no bando da milícia e a mudança radical quando se junta ao bando de jagunços; quanto pelo seu comportamento inquieto, paradoxal que ora flui serenamente como os lagos do rio e ora se alvoroça como as corredeiras.

Nessa inquietude alimentada pelo amor e pela revolta fomentada por esse sentimento, o protagonista vai observando detalhes, analisando atitudes de Diadorim e dando ao leitor, como um advogado em um julgamento, argumentos que justifiquem a atração dele pelo amigo. Entretanto, Diadorim só é evidenciado por completo depois de morto, só então Riobaldo consegue descortinar a neblina que cobria aquele corpo cobiçado e rejeitado. Corpo que, em sua beleza e complexidade enigmática é revelado sempre relacionado ao espaço ambiente apresentado pelo narrador, especialmente quando se trata da geografia sertaneja que precisava ser desbravada, conhecida, assim como Diadorim. “Uivei. Diadorim! Diadorim era mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio. Urucuia, como eu soluzei meu desespero.” (GSV, 1984, p. 458)

Durante toda narrativa Diadorim é apresentado de forma indireta quando se trata da aproximação entre ele e o narrador, muitas vezes a metáfora ou alegoria toma lugar nas explicações de Riobaldo em que ele deixa fluir a poesia. Suas divagações relacionam sempre espaço-ambiente-humano como se eles se misturassem:

Eu tornei a me lembrar daqueles pássaros. O marrequim, a garrixa-do-brejo, frangos-d`água, gaivotas. O Manuelzinho da crôa. Diadorim, comigo. As garças, elas em asas. O rio desmazelado, livre rolador. E aí

esbarramos parada, para demora, num campo solteiro, em varjaria descoberta, pasto de muito gado. (GSV, 2006, p. 286)

Percebe-se que a paisagem do lugar onde se encontram, o campo aberto dá a Riobaldo a ânsia da liberdade da relação dele com Diadorim. Veja-se que todos os elementos citados apontam para a liberdade, os pássaros, as garças (prontas para voar), o rio que corre livremente e a presença de Diadorim, no meio de tudo. Seria aquele cenário perfeito para o amor, seria a soltura de um sentimento apenas em cima da terra e embaixo do céu, como se não tivesse mais ninguém [...] “mas tem horas que me pergunto: se melhor não seja a gente tivesse de sair nunca do sertão”. (p. 286)

A imagem de Diadorim vem sempre na representação pela natureza: “Naqueles olhos e tanto de Diadorim o verde mudava sempre como água de todos os rios nos seus lugares ensombrados” (GSV, 2006, p. 289). Os olhos são comparados aos lugares ensombrados do rio, remetendo aquilo que fica sem dizer, como se percebesse que havia algo mais, um mistério, um segredo não revelado. O mistério da água sombreada a torna perigosa por não se ter noção da profundidade, esse aspecto é observado nos olhos de Diadorim. Assim, Riobaldo arremata dizendo: “Aquele verde arenoso, mas, tão moço, tinha muita velhice, muita velhice, querendo me contar coisas que a idéia da gente não dá para entender” (GSV, 2006, p. 289).

A velhice, nesse caso, não é de idade, mas do fato de saber algo que ele não sabia, de uma experiência de vida que só ele, Diadorim, conhecia. Percebe-se que é o lugar, o ambiente que proporcionam a aceitação do sentimento de Riobaldo por Diadorim: “Aquele lugar, o ar. Primeiro fiquei sabendo que gostava de Diadorim ___ de amor mesmo amor mal coberto em amizade”. (GSV, 2006, p. 289).

Há certa camuflagem no discurso do narrador, especialmente ao se referir a Diadorim. Ele sempre une um fato ao pensamento como se quisesse mostrar uma coisa na outra, algo que ocorre de um jeito, mas ele tenta mostrar em alegorias, usando os elementos da natureza para chegar ao ser amado:

Escutei um barulho vindo do mato. [...] E o macuco vinha andando, sarandando, macucando: aquilo ele ciscava no chão, **feito galinha** de casa. Eu ri ___”Vigia este, Diadorim”!___ Eu disse; pensei que Diadorim estivesse em voz de alcance. Ele não estava. O macuco **me olhou**, de **cabecinha alta**. Ele tinha vindo endireito em mim, por pouco entrou no rancho. **Me olhou, rolou os olhos**. Aquele pássaro **procurava o que?** [...] joguei no lado donde ele. Ele deu um susto trazendo as asas para diante, feito **quisesse esconder a cabeça**. [...] Daí caminhou primeiro, até de costas, fugiu-se. (GSV, 2006, p. 290-291) (grifo nosso)

O macuco é uma ave encontrada em lugares de difícil acesso, o seu nome científico é *Tinamus solitarius*. Deve-se considerar aí que Diadorim se encontra no sertão, lugar enigmático, “perigoso” e dual, como o próprio narrador reconhece. Muito do que é dito por Riobaldo sobre as atitudes do pássaro pode-se comparar as atitudes humanas. A descrição do pássaro, a fragilidade e a comparação com a galinha remete, simbolicamente, a mulher. A reação de Riobaldo aponta para a reação de um sujeito ao se deparar com algo que não devesse fazer, embora tivesse vontade. É como se ele, numa atitude racional imediata, rejeitasse a do outro. Essa assertiva se ancora no dilema, na agonia do narrador enquanto ele delira de amor, depois do ocorrido:

O nome de Diadorim, que eu tinha falado, permaneceu em mim. Me abracei com ele. Mel se sente é todo lambente. “Diadorim meu amor” Como era que eu podia dizer aquilo? Explico ao senhor: para eu não ter vergonha maior, o pensamento dele que em mim escorreu figurava diferente, um Diadorim assim, meio singular, por fantasma, apartado completo do viver comum, desmisturados de todos, de todos as outras pessoas – como quando a chuva onde-os-campos. Um Diadorim só para mim. Tudo tem seus mistérios. Eu não sabia. Mas com minha mente eu abraçava aquele corpo aquele Diadorim- que não era de verdade” (GSV, 2006, p. 291)

Vê-se o martírio de Riobaldo, a tentativa de justificar seus sentimentos. O desejo de se isolar do mundo para poder desfrutar do amor de Diadorim. Uma confissão atordoada e, ao mesmo tempo, com traços de uma vergonha cultural que o fazia se justificar para si mesmo, pois não aceitava essa condição: “Eu não podia, por lei de rei, admitir o extrato daquilo. Ia por paz de honra, e tenência. Sacar esquecimento daquilo de mim. Se não pudesse ah. [...]’ acabar comigo com uma bala no lado da minha cabeça”. [...] (p. 291).

Percebe-se, ao mesmo tempo, a busca da redenção e a condenação e como esperança de redenção ele busca Otacília, na iminência do seu casamento com ela. Fica evidente também a possibilidade de fuga através da morte quando fala em se matar se não conseguisse dar jeito ao seu sentimento, o que mostra o radicalismo do macho que prefere a morte em nome de uma honra cujo sentido foi construído em cima de preconceitos, interesses e caprichos de uma sociedade patriarcal e hipócrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Grande Sertão:Veredas*, de Guimarães Rosa surpreende, seja pelo caráter de singularidade e brasilidade, seja pelo humanismo em torno da multiplicidade, culturalidade e idealismos de significações. Em particular, destacamos a figura de Diadorim, buscando nesse personagem as manifestações literárias pelas expressões de feminilidade que lhe são associadas pelo narrador, protagonista da obra, Riobaldo. Este toma para si nessa empreitada, ora o lirismo, sugerido pela magnitude e beleza das paisagens naturais à semelhança de sua amada Diadorim, ora a dureza de um ambiente hostil, cercado de sutilezas e sacrilégios naturais.

Nesse sentido, pode-se dizer que o espaço, entendido como lugar vivido é alimentado pelo imaginário em vários sentidos e aí a natureza é chamada para propiciar ao leitor a visão de Riobaldo com relação a Diadorim, a quem ele atribui visão nebulosa, em termos dos sentimentos e sensações que este vai lhe proporcionado ao longo de toda obra. Riobaldo vai atribuindo a Diadorim, também, associações naturais com traços e características sentimentais, em decorrência da dúvida que ele expressa sobre os sentimentos que alimenta pelo jagunço e que, ao seu ver, é paradoxal e limitada, de vez que trata-se de uma pessoa que se apresenta como do sexo masculino, ainda que com traços feminóides, por quem se sente atraído sentimentalmente e sexualmente.

É interessante constatar que até na simbologia dos nomes pode-se encontrar a natureza, conjuntamente estruturada com as relações humanas como elemento central da expressão imagética dos personagens, como é o caso de Rio-baldo, refletindo a dualidade de seu comportamento às vezes inquieto, como as corredeiras do rio São Francisco, ora sereno como os lagos do rio.

Diante do exposto, é possível perceber que o narrador reconhece seu sentimento, mas o fato de se ver atraído por uma pessoa do mesmo sexo o faz procurar justificativas no intuito de se confortar. Riobaldo dá a Diadorim, a condição feminóide, depois a apresenta como mulher, como se quisesse mostrar que, mesmo sem saber, ele se envolveu com uma mulher, tentando ratificar sua condição de varão.

A morte de Diadorim, de certa forma, não deixa de ser um alívio para ele, pois em meio à dor da perda e a presença da mulher, que agora ele via por inteiro, ele renascia socialmente como um jagunço respeitado e, agora, coronel, casado com uma mulher “perfeita”, dando continuidade ao conservadorismo cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRANDÃO, Ruth Silviano. **Mulher ao pé da letra, a personagem feminina na literatura**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos, mitos e histórias dos arquétipos da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **A donzela guerreira, um estudo de gênero**. São Paulo: SENAC, 1998.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Rapsodo do sertão: da lexicogênese à mitopoese. In **Cadernos de literatura brasileira – Guimarães Rosa**, n 20-21. São Paulo: IMS Instituto Moreira Salles, 2006.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.